UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

BRUNA MARIA DE MACÊDO NEVES

MENSURAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CAPITAL INTELECTUAL NAS EMPRESAS

Recife

2023

BRUNA MARIA DE MACÊDO NEVES

MENSURAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CAPITAL INTELECTUAL NAS EMPRESAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador (a): Umbelina Cravo Teixeira Lagioia Torres Barbosa Tenório
Coorientador (a): Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

NEVES, BRUNA MARIA DE MACÊDO.
MENSURAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CAPITAL INTELECTUAL NAS EMPRESAS / BRUNA MARIA DE MACÊDO NEVES. - Recife, 2023.
42 : il., tab.

Orientador(a): UMBELINA CRAVO TEIXEIRA LAGIOIA TORRES BARBOSA TENÓRIO
Cooorientador(a): MARIA DE FATIMA FERRAO CASTELO BRANCO
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Contábeis - Bacharelado, 2023.

1. Ativos Intangíveis. 2. Capital Intelectual. 3. Conhecimento. 4. Contabilidade. 5. Mensuração. I. TENÓRIO, UMBELINA CRAVO TEIXEIRA LAGIOIA TORRES BARBOSA. (Orientação). II. CASTELO BRANCO, MARIA DE FATIMA FERRAO. (Coorientação). III. Título.

650 CDD (22.ed.)

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA MARIA DE MACÊDO NEVES

MENSURAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO CAPITAL INTELECTUAL NAS EMPRESAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Aprovado em 11 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.(a). Umbelina Cravo Teixeira Lagioia Torres Barbosa Tenório
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof.(a). Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof.(a). José Bione Neto
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus. Ele que com a sua misericórdia me ajudou a nunca desistir, mesmo quando eu mesma achei que pudesse ser impossível ou até mesmo nos momentos em que fraquejei. Obrigada por todos os dias me conceder a graça de abrir meus olhos com saúde e conseguir de forma independente fazer as coisas mais simples. Obrigada pelo dom de ter vontade de me esforçar e de saborear cada vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e principalmente, a DEUS, que me abençoou com muita saúde, iluminando meus passos e me permitindo que, hoje, eu estivesse dando esse grande e importante passo na minha vida.

À minha mãe, que sempre cuidou de mim, estando sempre ao meu lado, com dedicação e amor, e por todos os esforços que fez para me ver chegar até aqui e alcançando essa graça como tantas outras.

Ao meu marido, Luiz, que está sempre presente em minha vida, me apoiando em tudo e torcendo e vibrando por minhas conquistas.

À professora Maria de Fátima Ferrão Castelo Branco pela dedicação e paciência de ter sido minha co-orientadora, além de todos os conhecimentos e aprendizagem adquiridos neste processo.

À professora Umbelina Cravo Lagioia meu agradecimento pela sua dedicação, por ela ter aceitado ser minha orientadora e a forma paciente como sempre me atendeu. Quero parabenizá-la por ela ter escolhido essa árdua profissão que é transmitir ensinamentos, ensinamentos esses que levarei durante toda a minha vida profissional.

“O que pode ser medido, pode ser melhorado”. (PETER DRUCKER, 1993).

RESUMO

Ao longo do estudo, destacam-se tópicos considerados importantes e relevantes, tais como: o nascimento da sociedade baseada no conhecimento, que apontam o mesmo como o bem maior das organizações; a distinção entre informação e conhecimento; as tecnologias da informação como ferramentas de apoio; a gestão do conhecimento; o objeto da contabilidade, bem como seu conceito e sua importância, sobretudo sua evolução e desafios; diferença entre valor de mercado e o valor contábil de uma empresa e será identificado na literatura, os modelos e indicadores criados por autores e organizações para a mensuração do capital intelectual, descrevendo suas características. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, realizada na base de dados do SciELO - Scientific Electronic Library Online, nos últimos dez anos, de 2013 a 2023, escritos na língua portuguesa com autoria de pesquisadores brasileiros, para que os aspectos culturais sejam preservados. O objetivo geral deste trabalho é dimensionar e identificar a importância do capital intelectual na composição de valor de mercado das organizações, bem como conceituar capital intelectual na sua concepção contábil.

Palavras-chave: Ativos Intangíveis; Capital Intelectual; Conhecimento; Contabilidade; Mensuração.

ABSTRACT

Throughout the study, topics considered important and relevant stand out, such as: the birth of the knowledge-based society, which point to the same as the greatest good of organizations; the distinction between information and knowledge; information technologies as support tools; knowledge management; the object of accounting, as well as its concept and importance, especially its evolution and challenges; difference between market value and book value of a company and will be identified in the literature, the models and indicators created by authors and organizations for the measurement of intellectual capital, describing their characteristics. This is an integrative literature review study, carried out in the SciELO – Scientific Electronic Library Online database, in the last ten years, from 2013 to 2023, written in portuguese with the authorship of Brazilian researchers, so that cultural aspects are preserved. The general objective of this work is to measure and identify the importance of intellectual capital in the composition of market value of organizations, as well as to conceptualize intellectual capital in its accounting conception.

Keywords: Intangible Assets; Intellectual capital; Knowledge; Accounting; Measurement.

LISTA DE QUADROS/TABELAS

Quadro 1 – Ativos Intangíveis (Ágio sobre os preços das ações) 21
Quadro 2 – Definições de Capital Intelectual segundo alguns autores..... 24
Quadro 3 – Monitor de Ativos Intangíveis 30

LISTA DE GRÁFICOS/FIGURAS

Figura 1 – Navegador Skandia 28
Figura 2 – Navegador Thomas Stewart..... 29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Valor Justo do Passivo
ETC	E outras Coisas
L	Valor Justo do Passivo
P	Valor Pago pela Empresa
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TI	Tecnologia da Informação
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** 8
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA 9
1.2. JUSTIFICATIVA 10
1.3. OBJETIVOS 10
1.3.1. Objetivo Geral 10
1.3.2. Objetivos Específicos 11
2. **REFERENCIAL TEÓRICO** 12
2.1. A ERA DO CONHECIMENTO: SOCIEDADE BASEADA NO CONHECIMENTO 12
2.1.1. Conhecimento 14
2.1.2. A Distinção entre Informação e Conhecimento 15
2.1.3. Tecnologia da Informação 15
2.1.4. Gestão do Conhecimento 16
2.2. A CONTABILIDADE E SUA IMPORTÂNCIA 16
2.2.1. Objeto da Contabilidade 17
2.2.2. A Evolução da Contabilidade 17
2.2.3. Contabilidade Tradicional: Ineficiente na Sociedade do Conhecimento 18
3. **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS** 19
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO 19
4. **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS** 20
4.1. ATIVOS INTANGÍVEIS, GOODWILL E CAPITAL INTELECTUAL 20
4.1.1. Diferença entre Ativos Tangíveis e Intangíveis 20
4.1.2. Goodwill 22
4.1.3. Capital Intelectual 24
4.2. VALOR DE MERCADO E VALOR CONTÁBIL DE UMA EMPRESA 26
4.3. MODELOS DE MENSURAÇÃO DO CAPITAL INTELECTUAL 26
4.3.1. Modelo Navegador Skandia AFS 26
4.3.2. Modelo Navegador de Thomas Stewart 28
4.3.3. Modelo Monitor de Karl Erik Sveiby 29
4.4. AVALIAÇÃO DOS MODELOS DE MENSURAÇÃO 30
CONSIDERAÇÕES FINAIS 31
REFERÊNCIAS 32

1. INTRODUÇÃO

Nessas últimas décadas foi desenhada uma nova sociedade: a do conhecimento. Essa sociedade não se baseia somente na produção industrial ou agrícola, onde o valor do homem era apenas associado à sua condição física e sim, na capacidade do homem de pesquisar, inovar e produzir informação, ou seja, o homem sendo detentor do conhecimento. A passagem entre essas sociedades passa a ser definida como a transição da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento. É o momento onde a mecanização da produção dá espaço para a reformulação da concepção de trabalho, uma vez que a grande parte do trabalho exercido pelos operários que foi substituída por máquinas se juntam a valorização do conhecimento, criatividade, colaboração, autonomia, experiência e talento. Pode-se dizer que a era do conhecimento se iniciou, mais ou menos, nos anos de 1956 e 1957 (NAISBITT, 1994).

A Era do Conhecimento, através do desenvolvimento e da tecnologia da informação provocou significativas mudanças, principalmente na estrutura e no posicionamento das organizações, ou seja, nesse momento, as empresas assumiram uma postura de aprendizagem, passando a analisar o ambiente dos negócios de forma estratégica, se adaptando, evoluindo, renovando e prospectando um futuro com maior longevidade. Nessa era, são aplicados nos processos, produtos e serviços, ativos do conhecimento, gerando bens intangíveis. Os ativos intangíveis ou capital intelectual tem um impacto tão grande no valor do patrimônio de uma empresa, que consequentemente tem impacto direto no seu valor perante o mercado (NAISBITT, 1994; EDVINSSON; MALONE, 1998).

A Contabilidade tem vários papéis, sendo um deles prestar informações sobre o patrimônio das empresas, subsidiando os gestores no planejamento, execução, controle e principalmente na tomada de decisão. É comum constatar, após comparar o valor da empresa nas demonstrações contábeis e seu valor econômico, que existe uma diferença considerável entre eles, ou seja, a existência de uma diferença entre os valores contábil e de mercado é inquestionável e por isso esse assunto vem sendo alvo de vários estudos e pesquisas de vários estudiosos de algumas áreas, principalmente da contabilidade e da gestão do conhecimento, e até mesmo das próprias empresas que estão, a cada dia, preocupadas e interessadas, em avaliar o real valor dos seus ativos intangíveis, logo, o valor de mercado de uma empresa varia

normalmente entre duas e nove vezes o seu valor contábil (EDVINSSON; MALONE, 1998).

Nessa perspectiva, ao contrário dos ativos tangíveis que são os bens materiais, que podem ser tocados, ou seja, concretos, com os quais os empresários e contadores estão familiarizados, tais como terrenos, fábricas, equipamentos e dinheiro, os ativos intangíveis não tem uma forma física, portanto não são palpáveis, e por isso, são difíceis de serem identificados, distribuídos e avaliados de forma eficaz, ou seja, como as demonstrações contábeis estão embasadas nos pilares dos princípios e convenções que norteiam a ciência contábil, a contabilidade tem dificuldades para expressar o capital intelectual nas empresas, tornando-se uma das suas principais preocupações. Um exemplo interessante que demonstra de forma muito clara esse problema é quando duas empresas pensam na fusão entre elas, pois existe a dificuldade de se encontrar o valor dessas empresas no momento da venda. É notório que os valores praticados não encontram correspondência entre os valores contábil e o da negociação, e isso pode ser justificado pela existência de ativos intangíveis não contabilizados (EDVINSSON; MALONE, 1998).

Vale ressaltar sobre a importância de as empresas modernas estarem aptas para não apenas operarem como processadoras de informação e sim, gerarem as informações e criarem conhecimento, pois se compreende que a informação por si só, não gera novos conhecimentos. O conhecimento só nasce quando algo de novo é criado através das possíveis interpretações das informações. Diferenciando conhecimento de informação, Drucker (1993, p. 25) afirma que o “conhecimento é a informação eficaz em ação, focalizada em resultados”.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

O tema deste estudo diz respeito à importância do capital intelectual, como ativo intangível, nas organizações, bem como, dimensioná-lo contabilmente na composição de valor de mercado de uma organização com o entendimento que o valor de uma empresa no mercado de trabalho é uma junção de ativos tangíveis e intangíveis, sob a ótica de alguns autores e organizações, descrevendo e analisando os modelos e os indicadores criados para a qualificação e mensuração dos ativos intangíveis.

Nesta perspectiva, será questionado: Como mensurar e identificar a importância do capital intelectual nas empresas?

1.2. JUSTIFICATIVA

O capital intelectual se tornou alvo de interesse no mundo dos negócios. É um assunto que atrai estudiosos do mundo todo e das próprias organizações, pois é compreendido como a fonte que mais agrega valor às empresas, ou seja, é considerado um recurso econômico essencial em comunhão com a matéria-prima, podendo superar até o capital econômico, no entanto, sua mensuração ainda é um desafio. Além das empresas continuarem apresentando uma diferença considerável entre seus valores contábil e econômico ou de mercado, o que demonstra uma suposta falha no tratamento contábil, sem essa mensuração, o gerenciamento pode ser comprometido, uma vez que as empresas não despertam para os retornos obtidos com os investimentos com ativos intelectuais, como capacitação, cursos e treinamentos.

Em busca de novos meios e formas de mensurar e identificar as fontes do sucesso das empresas, a Ciência Contábil vem tentando criar e aperfeiçoar demonstrações capazes de registrar valores das empresas mais próximos da realidade, além de modelos de mensuração capazes de evidenciar os valores dos bens intangíveis e observar modelos também criados pelas organizações e pelos autores que discutem o tema.

Estudar o capital intelectual aponta para o reconhecimento de sua importância juntamente com o processo, produto e o serviço na análise contábil de uma empresa.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Dimensionar e identificar a importância do capital intelectual na composição de valor de mercado de uma organização.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Conceituar capital intelectual, ativos tangíveis e intangíveis na perspectiva contábil;
- Diferenciar o valor de mercado e o valor contábil de uma empresa;
- Identificar na literatura, os modelos e indicadores criados para a mensuração do capital intelectual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os registros usados como base para a realização dessa revisão foram artigos publicados nos últimos dez anos, de 2013 a 2023, escritos na língua portuguesa com autoria de pesquisadores brasileiros, pesquisados na base de dados do SciELO - Scientific Electronic Library Online. Além disso, houve pesquisa na internet de pontos importantes para o tema da importância do capital intelectual e sua mensuração dentro das organizações.

2.1. A ERA DO CONHECIMENTO: SOCIEDADE BASEADA NO CONHECIMENTO

A transição entre as sociedades industrial e do conhecimento foi uma passagem tão importante que não aconteceu repentinamente. Ao longo da história, inúmeros eventos ocorreram e foram marcos importantes, ou seja, uma evolução histórica aconteceu até chegar nos dias atuais. Exemplos como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, as grandes guerras, a criação do primeiro computador foram eventos fundamentais e que de alguma maneira contribuíram para a chegada da era atual, a era do Conhecimento. Na era industrial, as pessoas eram vistas como um recurso de produção. Era um ser que não pensava, apenas produzia, sem nenhuma valorização profissional. As empresas não se preocupavam com o bem-estar de seus colaboradores, porém foi nesse decorrer que elas começaram a se preocupar com o homem no trabalho, melhorando as condições do trabalhador, em virtude de ter se visto que tais melhorias geram um aumento e melhoria na produtividade. Analogicamente, gerir conhecimento, como capital intelectual, no mundo moderno, sem a valorização e motivação do ser humano, é o mesmo que aplicar suas economias em ações sem valor. Tudo isso afetou de forma radical o mundo do trabalho, o caráter da produção e as relações humanas (NOGUEIRA, 2006).

Após a era industrial, mais especificamente após a década de 1980, embora seus pilares já tenham começado a se instaurar na década de 70 com os primeiros computadores, chega à era da informação, também conhecida como era digital. Com a década de 90 veio o aprofundamento da globalização e com ela, um aumento da gestão de controle dos mercados globais, a concorrência entre o mercado mundial, fusão de grandes empresas, novos sistemas de logísticas globais, economia baseada

na informação, aumento de produtividade, a criação de novos produtos e serviços e a competitividade em tempo real (DRUCKER, 1993).

As organizações foram submetidas a grandes desafios: viram-se compelidas a mudar radicalmente suas estratégias de negócio e padrões gerenciais para aproveitar as oportunidades decorrentes da ampliação de seus mercados potenciais e do surgimento de novos concorrentes e novas demandas da sociedade; tiveram que acompanhar a acelerada evolução tecnológica e o aumento do fluxo de informações, além de conquistar níveis cada vez maiores de competitividade e produtividade, bem como introduzir a preocupação crescente com a legitimidade social de sua atuação (INSTITUTO ETHOS, 2007).

Segundo o mesmo Instituto, as empresas para estarem preparadas aos novos desafios, passaram a investir em qualidade, primeiramente com os produtos e de forma dinâmica, os investimentos evoluíram para os processos até chegar ao tratamento como um todo das relações compreendidas na atividade empresarial com os empregados, os fornecedores, os consumidores e clientes, a comunidade, a sociedade e o meio ambiente.

Para Wilkinson e Dale (1999), além de garantir a satisfação e lealdade dos clientes, as organizações devem considerar o bem-estar de seus empregados e o ambiente de trabalho, além dos impactos que suas operações causam sobre seus vizinhos e a comunidade local. O desenvolvimento e o avanço tecnológico provocaram significativas mudanças nas estruturas e no posicionamento das organizações quebrando vários paradigmas. Assim, ativos tangíveis como máquinas e estoques não significam mais vantagem competitiva e perderam espaço para os ativos ditos intangíveis (STEWART, 1998).

O que faz as organizações funcionarem é o conhecimento e é importante que as empresas reconheçam o conhecimento como ativo corporativo e entendam a necessidade de geri-lo e cercá-lo com a mesma atenção dedicada a obtenção de valor de outros ativos mais tangíveis. No seu livro “Capital Intelectual” Thomas Stewart (Stewart, 1998), fala que o aspecto mais importante do processo de gestão do conhecimento é o Capital Estrutural, que de forma bem direta, é como a empresa gerencia o conhecimento.

Frente à era do conhecimento, onde se pode ver a importância das pessoas nas organizações, a Contabilidade tradicional ainda enfrenta esse desafio que é mensurar os ativos intangíveis. Dentro das empresas, esses ativos intangíveis são gerados pelo

eficiente funcionamento dos bens materiais que são aqueles considerados como algo palpável, com matéria física, ou seja, concreto e pelas competências das pessoas que os gerenciam no intuito de maximizar a qualidade da sua produtividade, proporcionando assim benefícios para as empresas que os detém (BEUREN; IGARASHI, 2002**;** RITTA; ENSSLIN, 2010).

Na maioria das vezes os ativos intangíveis não são evidenciados nos balanços contábeis já que o modelo da contabilidade tradicional possui uma estrutura formulada para empreendimentos industriais, porém diante da existência de novos serviços e tecnologias, é necessário as empresas se adequarem à nova realidade e começarem a ver as pessoas não como despesas e sim como ativos poderosos da empresa e que devem sim ter sua importância e mensuração muito bem definidas (BEUREN; IGARASHI, 2002**;** RITTA; ENSSLIN, 2010).

De acordo com Bassan e Hauschildt (2005), mesmo sendo considerado um bem intangível, o capital intelectual pode ser mensurado e essa mensuração irá complementar e enriquecer a contabilidade, pois dessa forma, ela irá desempenhar melhor seu papel, fornecendo informações úteis, já que a contabilidade precisa de demonstrações contábeis com informações atuais de natureza intelectual, humana, ecológica e social. Para Edvinsson e Malone (1998), as informações geradas com a mensuração dos ativos intangíveis são extremamente úteis para a tomada de decisão a respeito de clientes, de pessoal e de investimentos.

2.1.1. Conhecimento

As organizações têm como principal função tornar os conhecimentos produtivos (DRUCKER, 1993). Ainda segundo ele, a transformação do conhecimento em produtos ou serviços só é possível se for aliado a outros conhecimentos e com objetivos. O conhecimento dentro de uma organização só se torna útil quando o mesmo for sinônimo de diferencial, ou seja, quando o conhecimento tiver o poder de gerar resultados. “Tornar isso possível é a tarefa da organização, a razão para a sua existência, sua função” (DRUCKER, 1993, p. 29). O conhecimento é um recurso econômico cuja quantificação é possível, afirmam Blackler et al. (1992, p. 853).

2.1.2. A Distinção entre Informação e Conhecimento

Para fazer essa distinção é importante considerar duas opiniões distintas, porém complementares. Segundo Drucker (1993), a informação por si só não é conhecimento, ela precisa estar em ação de forma eficaz para ser conhecimento. Para Nonaka (1994), a informação é um fluxo de informação, ancorado na confiança e convicções dos seus possuidores. Ou seja, são duas opiniões distintas, com um ponto comum entre elas: que o conhecimento deriva da ordenação das informações e que ele só tem importância se tiver um objetivo.

2.1.3. Tecnologia da Informação

A tecnologia da informação é o uso de máquinas como computadores, tablets e smartphones para criar, armazenar, recuperar e trocar todos os tipos de dados e informações, através dessa contribuição e facilidade no armazenamento e na transmissão dessas informações, é possível gerar a transferência e a geração de conhecimento entre as pessoas.

A TI enriquece o processo organizacional, através da otimização das atividades, facilitando a comunicação e contribuindo o processo decisório, pois as informações são mais eficientes e eficazes, pois chegam com mais velocidade e precisão (BEAL, 2009). Para Teixeira Filho (2000), as tecnologias da informação têm uma função estratégica para as organizações na sociedade do conhecimento. Ainda segundo ele, a tecnologia da informação contribui para o desenvolvimento do conhecimento coletivo e do aprendizado contínuo, já que a TI facilita o compartilhamento das informações, bem como problemas, perspectivas, ideias e soluções entre as pessoas da organização.

Da mesma forma que a informação por si só não gera conhecimento, segundo Davenport e Prusak (1998), a tecnologia por si só também não faz com que as pessoas detentoras de conhecimento, o compartilhe com as outras. O investimento na tecnologia não será suficiente, se o indivíduo não estiver interessado em aprender ou até mesmo em compartilhar.

Para Teixeira Filho (2000), a vantagem competitiva de qualquer empresa está nas pessoas. Ou seja, além do investimento da tecnologia da informação, as organizações devem promover um ambiente saudável para seus colaboradores, focando no

potencial criativo e inovador dos seus funcionários, fazendo com que eles entendam sua real importância dentro dos processos. Com isso, as tecnologias colaboram para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento, porém é necessário entender que essas tecnologias devem servir como ferramentas de apoio e não como pilares, pois é o ser humano que ocupa essa função, através da sua capacidade de criar, inovar e desenvolver.

2.1.4. Gestão do Conhecimento

Dentro das organizações, o capital intelectual deve ser identificado, construído, estimulado, trabalhado e gerido de forma eficiente e eficaz, pois o conhecimento precisa estar em ação em busca de resultados (DRUCKER, 1993). A gestão do conhecimento é o processo de criar, disseminar, colocar em ação e gerenciar o conhecimento dentro das organizações, a fim de que o capital intelectual seja usado de forma estratégica. “Gerenciar o capital intelectual é uma tarefa complexa, até porque está incluído neste conceito a gestão do conhecimento (parte do capital intelectual) e a gestão da informação (parte da gestão do conhecimento), exigindo, portanto, da função de administrá-lo, esforço multidisplinar”. (Ludwig, s.d.).

“A informação e o conhecimento são as armas nucleares da nossa era” (Stewart, 1998, p. 13). A partir dessa informação, pode-se afirmar que as empresas devem se esforçar para criar e gerir esses bens intangíveis de tanto valor. De acordo com Drucker (1993), a principal função de uma organização é tornar o conhecimento produtivo. Ainda segundo ele, os conhecimentos por si só são estéreis e precisam de uma terra fértil para serem reproduzidos.

2.2. A CONTABILIDADE E SUA IMPORTÂNCIA

A contabilidade é uma ciência que ganhou importância ao longo dos anos, já que ela é uma das responsáveis por disponibilizar informações aos seus usuários (IUDÍCIBUS, MARION e FARIA, 2009). Ainda segundo ele, a contabilidade é uma das ciências mais antigas no mundo, a contabilidade foi criada quando houve a necessidade de planejar e colocar em prática um sistema de informação para uma organização, seja ela com ou sem fins lucrativos sob a forma de relatórios e pareceres. A contabilidade é uma ciência social que registra e acompanha as variações

patrimoniais das organizações e serve como meio de auxílio à gestão dos recursos, através de relatórios, registro e pareceres, desta forma também propicia transparência quanto à origem e gestão dos recursos das organizações.

A Contabilidade tem finalidade, tanto para uma organização com fins lucrativos quanto para as sem fins lucrativos, de interpretar e registrar os fenômenos que afetam o patrimônio de uma entidade, ou seja, a contabilidade alcança sua finalidade por meio do registro e análise de todos os fatos relacionados com a formação, a movimentação e as variações do patrimônio da entidade, com o propósito de assegurar seu controle e fornecer a seus gestores as informações necessárias a ação administrativa e demais pessoas interessadas (SANTOS, 2004).

2.2.1. Objeto da Contabilidade

Segundo Torres (1996), o objeto da Contabilidade é o conjunto de bens, direitos e obrigações de uma entidade econômico-administrativa, com isso a entidade é o objeto da Contabilidade, enquanto o patrimônio é o seu campo de aplicação, ou seja, é o estudo desse patrimônio que por sua vez é o conjunto de bens, direitos e obrigações. Enquanto o objeto é o patrimônio, o objetivo é o de fornecer informações fidedignas da situação desse patrimônio para os usuários.

2.2.2. A Evolução da Contabilidade

A contabilidade é uma ciência social e é muito antiga, surgindo juntamente com a civilização, com a necessidade do homem em controlar e armazenar seus bens. Segundo TORRES (1996), no ano 4000 a.C., os egípcios e babilônios já relatavam o pagamento de salários e impostos em seus registros, porém apenas entre os séculos XIII e XIV com eventos como o comércio das Índias, o renascimento, a burguesia, mercantilismo, entre outros é que a contabilidade atingiu sua maturidade. No século XV, em 1494, o frade franciscano Frei Luca Pacioli divulgou um livro de Contabilidade com um método de registro dos fatos econômicos, chamado de método das partidas dobradas, sendo utilizado nos meios contábeis até hoje.

Segundo Crepaldi (1995), esse método pressupõe que todo o crédito que é lançado em uma conta faz surgir o registro de no mínimo um débito para outra conta. A contabilidade tradicional continua sofrendo com diversas críticas, sobretudo, quanto a

mensuração do capital intelectual, ou seja, a contabilidade tradicional é ineficiente, sob o ponto de vista de alguns autores, já que se vive numa sociedade do conhecimento, onde os ativos intangíveis de uma organização não são demonstrados nos balanços.

2.2.3. Contabilidade Tradicional: Ineficiente na Sociedade do Conhecimento

No contexto da sociedade do conhecimento, a contabilidade tradicional vem se deparando com alguns obstáculos e vem recebendo críticas pela incapacidade de adaptação a esse novo cenário competitivo. Uma dessas críticas e talvez a maior delas é que a contabilidade tradicional não evidencia nos balanços os ativos intangíveis ou capital intelectual, com isso existe, muitas vezes, uma grande diferença entre o valor apresentado num relatório contábil e o valor que o mercado atribui a essa organização (EDVINSSON; MALONE, 1998).

Para Barroso e Gomes (1999), em algumas empresas, os ativos intangíveis podem superar os ativos contábeis. Lembrando que essa avaliação deve ser executada de forma minuciosa, já que esse impacto não ocorre somente sobre a organização (SVEIBY, 2000).

É de suma importância que a contabilidade diante dessa necessidade e urgência, se enquadre na sociedade do conhecimento e passe a mensurar com maior objetividade os ativos intangíveis, contribuindo dessa forma, com informações mais próximas da realidade organizacional, promovendo condições para que as decisões possam ser tomadas com maior segurança (BEUREN; IGARASHI, 2002**;** RITTA; ENSSLIN, 2010).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura que tem por objetivo principal analisar e sintetizar o conhecimento em uma temática específica, de forma a fornecer uma perspectiva crítica sobre o objeto de estudo (SOUZA, 2010).

Dessa forma, será realizada uma pesquisa na base de dados do SciELO - Scientific Electronic Library Online, como ferramenta de busca. Serão selecionados artigos publicados nos últimos dez anos, de 2013 a 2023, escritos em língua portuguesa com autoria de pesquisadores brasileiros. Serão utilizados os descritores específicos em português: Ativos Intangíveis; Capital Intelectual; Conhecimento; Contabilidade e Mensuração.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, buscando aproximações e profundidades com o tema escolhido.

Segundo Gil (2002, p.41), as pesquisas exploratórias têm como um dos seus objetivos criar uma relação mais íntima com o problema, a fim de torná-lo mais claro, pois dessa forma mais facilmente hipóteses são construídas, lembrando que isso inclui levantamento bibliográfico. Segundo Cervo (1996, p. 69), este tipo de estudo “(...) têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter nova percepção do mesmo e descobrir novas idéias”.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão descritos os resultados da pesquisa que foram obtidos por meio do estudo de revisão integrativa da literatura. Será conceituado o capital intelectual dentro da contabilidade, bem como em relação ao valor de mercado de uma organização, a partir dos 08 artigos, lidos e analisados que contemplaram os objetos deste estudo de um total de 29 artigos encontrados.

Serão exemplificados alguns modelos de mensuração do capital intelectual, que foram criados e aplicados nas organizações e quais as dificuldades que a contabilidade tradicional enfrenta.

4.1. ATIVOS INTANGÍVEIS, GOODWILL E CAPITAL INTELECTUAL

Um dos maiores obstáculos da contabilidade tradicional é um dos assuntos mais discutidos entre grandes estudiosos e até mesmo pelas organizações, isso se justifica pela lacuna que existe entre o valor contábil de uma organização e seu valor de mercado. Essa lacuna está vinculada diretamente a ausência da mensuração dos ativos intangíveis e por isso a importância e necessidade que esses sejam registrados nos balanços de forma que essa lacuna seja preenchida (EDVINSSON; MALONE, 1998).

No Brasil, o assunto ainda é recente e consequentemente pouco conhecido e explorado, enquanto que no exterior algumas empresas já colocam em prática a mensuração dos ativos intangíveis, como a empresa da Escandinávia, Skandia AFS, companhia de seguros e serviços financeiros, que iniciou um projeto em 1991 e foi pioneira ao divulgar, em 1995, um relatório adicional às demonstrações financeiras considerando o Capital Intelectual, pois entendia que era importante incentivar o crescimento e o desenvolvimento do capital intelectual como um valor visível que complementasse o Balanço Patrimonial.

4.1.1. Diferença entre Ativos Tangíveis e Intangíveis

Segundo Antunes (2000), o ativo de uma empresa corresponde aos bens e direitos que ela possui e que podem ser convertidos em dinheiro e é a parte positiva do

balanço. Eles são classificados em tangíveis e intangíveis e a maior diferença entre eles é a existência física. Em síntese, os ativos tangíveis são aqueles de natureza permanente, usados para a manutenção das atividades da empresa e integridade do patrimônio, ou seja, bens concretos como: imóveis, máquinas, terrenos, equipamentos, etc, além disso, os ativos tangíveis normalmente passam por depreciação, ou seja, perda de valor com o passar do tempo.

Enquanto os tangíveis possuem essa existência, ou seja, consistem em algo palpável, os intangíveis, muitas vezes, são difíceis de identificar, além disso, os ativos tangíveis por serem mensuráveis, têm certa facilidade em serem vendidos, já os intangíveis, também podem ser mensurados e valorados, mas é mais difícil e depende de métodos mais específicos, já que possuem um certo grau de subjetividade e incerteza na sua mensuração. Por conta disso é que a mensuração dos ativos intangíveis e do capital intelectual se tornou um dos maiores obstáculos da contabilidade tradicional (EDVINSSON; MALONE, 1998).

Para Sveiby (1998), os ativos intangíveis devem ser classificados como um grupo de três elementos: “competência do funcionário”, “estrutura interna” e “estrutura externa”, conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1:

Patrimônio Visível (valor contábil) é igual ao valor dos Ativos Tangíveis menos a dívida visível	Ativos Intangíveis (Ágio sobre o preço das ações)		
	Estrutura Externa (marcas, relações com clientes e fornecedores)	Estrutura Interna (a organização: gerência, estrutura legal, sistemas manuais, atitudes, P&D, software)	Competência Individual (escolaridade, experiência)

Fonte: Sveiby (1998)

Ainda segundo o autor, a competência do funcionário está ligada à sua capacidade de agir nas diversas situações, ou seja, essa competência é pessoal, portanto única e pertencente ao próprio indivíduo, portanto deveria estar incluída no balanço patrimonial, já que a empresa é formada por pessoas e cada organização tem seu quadro de colaboradores.

O autor Sveiby (1998) ressalta que nas organizações que já se adaptaram a era do conhecimento, os equipamentos são algo secundário perante os funcionários, já que

esses são os grandes mentores e os proprietários das habilidades que vão conduzir bem ou não as máquinas. Para ele, os indivíduos juntamente com a estrutura interna é que fazem a organização, lembrando que a estrutura interna inclui modelos e sistemas gerenciais, administrativos e de computadores, criados, muitas vezes, pelos próprios funcionários e patentes.

Ele ainda afirma que a estrutura externa engloba além das relações com os clientes e fornecedores, as marcas registradas e a reputação e imagem que a empresa possui. Pode ser visto um grau de incerteza para essa avaliação tendo em vista que as relações podem sofrer alterações ao longo do tempo ou até mesmo por estarem vulneráveis a alguns tipos de eventos.

É importante salientar que a presença do intelecto humano é notória na formação e criação dos ativos intangíveis e que esse tipo de ativo é parte fundamental da organização. Hope e Hope (2000), afirmam que a maior parte das empresas conseguem identificar os ativos intangíveis, porém demonstram ele a valores de custo e não a valores de mercado. Nos últimos anos, acionistas e até mesmo os investidores têm tido um olhar mais clínico para o valor perante o mercado que os ativos intangíveis possuem, pois em longo prazo eles contribuirão de maneira considerável para o resultado financeiro da empresa.

4.1.2. Goodwill

Segundo Martins (2001), o ativo que atender à definição de ativo intangível e representar provável geração de benefícios futuros precisa ser contabilizado no balanço patrimonial se tiver seu custo mensurado com confiabilidade. O goodwill pode ser considerado um ativo justamente por essa capacidade e são identificáveis separadamente, tais como: marcas e patentes criadas, dentre outros. No mundo empresarial, o termo goodwill é utilizado para designar aquilo que tem a ver com o valor intangível e intrínseco a uma empresa, ou seja, é a capacidade intrínseca que uma empresa tem de gerar lucros.

Para Martins (2001, p. 112):

> (...) discorrer sobre goodwill é uma tarefa árdua, que envolve vários assuntos diferenciados e até mesmo conflitantes, é um assunto relativamente antigo, mas que até os dias de hoje continua sendo muito debatido. Por causa das características da economia atual, o goodwill voltou a ser tema relevante tanto no meio acadêmico quanto no mercado de capitais. Se muitas de suas características ainda são motivos de grandes discussões, ainda maiores são aquelas quanto a sua avaliação e contabilização.

Ainda segundo o autor, o goodwill é um valor excedente pago pela aquisição de uma empresa, pois quando uma companhia é comprada, em grande parte das vezes, o comprador paga um valor maior do que o valor que ela está valendo no mercado, em outras palavras, é o montante de lucros futuros esperados acima da rentabilidade normal de uma empresa, mensurado pela diferença entre o valor da empresa e o seu patrimônio líquido avaliado a valores de mercado.

Para Antunes (2000), o goodwill é o residual entre a diferença do valor presente da empresa no seu todo, ou seja, sua capacidade de geração de lucros futuros, e o valor econômico de seus ativos, então para encontrar o valor precisa-se considerar P (valor pago pela empresa), A (valor justo do ativo) e L (valor justo do passivo), através da fórmula: Goodwill = P – (A+L), dessa forma, o goodwill se coloca como a diferença entre o valor de mercado, com a subtração dos preços de ativos e passivos da empresa. Esse cálculo explica o motivo que as empresas, geralmente, são adquiridas por um valor superior à soma dos seus ativos tangíveis, como equipamentos, maquinário, veículos, terrenos e imóveis de forma geral.

Para Martins (2002), o goodwill é um ativo que é mais fácil de se reconhecer contabilmente quando é adquirido, pois quando ele é gerado internamente, a tarefa é bem mais complicada. Para a contabilidade financeira o goodwill é reconhecido e contabilizado somente na aquisição, ou seja, no momento da compra de ativos ou de uma organização, ou seja, embora não seja refletido no Balanço Patrimonial, não seja depreciável nem amortizável, o goodwill é elencado pelas empresas no momento de detalhar as aquisições.

4.1.3. Capital Intelectual

Os autores Peter Drucker e Thomas Stewart foram os percussores do Capital Intelectual, o primeiro analisando os elementos relevantes na geração de valor das organizações e o segundo abordou há décadas atrás, em 1994, o conceito de capital intelectual na revista Fortune (GRACIOLLI, 2005). No entanto, esse termo foi publicado desde 1969 por John Kenneth Galbraith, com o conceito que incorporava um grau de ação intelectual, ao invés de considerar simplesmente o intelecto (EDVINSSON e SULLIVAN, 1996; COSER, 2012).

Em maio de 1995, uma organização chamada Skandia AFS, considerada a maior companhia de seguros e serviços financeiros da Escandinávia, foi pioneira ao divulgar um relatório adicional às demonstrações financeiras considerando o Capital Intelectual. Tal divulgação causou um grande avanço no estudo sobre o assunto e foi considerado um marco na história da padronização do modelo de Capital Intelectual (EDVINSSON e MALONE, 1998). No quadro 2, algumas definições de Capital Intelectual segundo alguns autores:

Quadro 2:

AUTORES	DEFINIÇÃO
Stewart	O capital intelectual “constitui a matéria intelectual – conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência que pode ser utilizada para gerar riqueza. É a capacidade mental coletiva”. Logo, admite-se que o Capital Intelectual, como o conjunto de valores ocultos que agregam valor às organizações, permitindo sua continuidade.
Graciolli	Capital Intelectual é conjunto de valores, seja de capital, um ativo ou um recurso, ambos se acham ocultos e todos tendem a agregar valores reais à organização.

Edvinsson e Malone	O capital intelectual é um capital não financeiro que representa a lacuna oculta entre o valor de mercado e o valor contábil. Sendo, portanto, a soma do Capital Humano e do Capital Estrutural. Para estes autores, o capital humano corresponde a toda a capacidade, conhecimento, habilidade e experiência individuais dos empregados de uma organização para realizar as tarefas. O capital estrutural é formado pela infraestrutura que apoia o capital humano, ou seja, tudo o que permanece na empresa quando os empregados vão para casa.

Fonte: Stewart (1998, p. 13); Graciolli (2005); Edvinsson e Malone (1998)

Ainda de acordo com Stewart (1998), o capital intelectual pode ser definido como os ativos intangíveis das organizações ligados diretamente ao potencial humano, além dos relacionamentos internos e externos dessas pessoas, criando possivelmente novos ativos e resultados para a organização. O autor ainda fala que o capital intelectual compõe-se de: Capital Humano (competências, habilidades e a experiência dos indivíduos da organização); Capital Estrutural (ativos criados pelos indivíduos da organização tais como: *software,* marcas e patentes dentre outros, que são considerados propriedades da empresa); e Capital de Marca (também chamado capital-cliente).

Pode-se afirmar que para as empresas a preocupação com o capital intelectual é recente. No Brasil, inclusive, os estudos são baseados em estudos de fora do país. São diversas incertezas que rondam ainda as empresas como os investimentos nos funcionários através de treinamentos e capacitações, pois elas entendem que esses investimentos são perdidos quando as pessoas saem da empresa. Tal incerteza ainda ganha força quando a Contabilidade tradicional demonstra dificuldades em mensurar esses investimentos nas demonstrações contábeis das organizações.

Dessa forma, o capital intelectual não se enquadra dentro dos modelos utilizados pela Contabilidade tradicional, já que é intangível, ou seja, não palpável e de grande subjetividade, apesar de ser importante dentro da organização. Com isso cabe à Contabilidade romper essa barreira e desenvolver modelos e indicadores de mensuração para os ativos intangíveis, até mesmo para cumprir um dos seus maiores objetivos que é o de dar suporte na tomada de decisão. Contudo, estudos realizados por empresas e autores sobre capital intelectual e sua mensuração deram origem a alguns modelos e indicadores que serão descritos e comentados a seguir.

4.2. VALOR DE MERCADO E VALOR CONTÁBIL DE UMA EMPRESA

O interesse pelo capital intelectual teve seu início quando foi constatado pelas organizações que seu valor perante o mercado era muito maior que o seu valor contábil, ou seja, as empresas entenderam a importância dos seus ativos intangíveis: capacidade de inovação, talento e capacidade dos seus colaboradores, relacionamento com clientes e fornecedores, entre outros (STEWART, 1998). Ainda segundo o autor, as empresas também passaram a entender a importância na necessidade da mensuração desses ativos, no intuito de diminuir a diferença entre os valores de mercado e contábil da organização.

Sveiby (1998) cita que no ano de 1995, as ações da Microsoft foram vendidas em média por US$ 70, porém contabilmente seu valor era US$ 7, ou seja, para cada US$1 de valor registrado pela contabilidade, o mercado valorizava US$9, no entanto esta valorização não originava nenhum lançamento no balanço patrimonial da Microsoft, pois esta diferença entre o valor contábil e o valor de mercado estava atrelada aos ativos intangíveis.

4.3. MODELOS DE MENSURAÇÃO DO CAPITAL INTELECTUAL

Serão descritas as características importantes e relevantes de três modelos de mensuração do capital intelectual:

- Navegador Skandia AFS, criado por Leif Edvinsson;
- O navegador do capital intelectual, criado por Thomas Stewart;
- O monitor de ativos intangíveis de Karl Erik Sveiby.

Os modelos criados por Leif e Thomas Stewart têm o nome de Navegador porque são direcionados para todas as áreas da empresa e o de Karl, se refere à visualização desempenhada em torno de toda organização, fazendo a analogia ao monitor.

4.3.1. Modelo Navegador Skandia AFS

A empresa Skandia AFS, considerada a quarta maior companhia de seguros e serviços financeiros do mundo e a maior da Escandinávia, iniciou o projeto em 1991 e foi pioneira ao divulgar, em 1995, um relatório adicional às demonstrações financeiras considerando o Capital Intelectual, através de um instrumento denominado

Navegador Skandia, pois entendia que era importante incentivar o crescimento e o desenvolvimento do capital intelectual como um valor visível que complementasse o Balanço Patrimonial. Por terem sido os primeiros a divulgar um relatório contendo essas informações, o modelo Skandia AFS é bastante pesquisado por acadêmicos e pelo meio empresarial e é também bastante divulgado pela mídia.

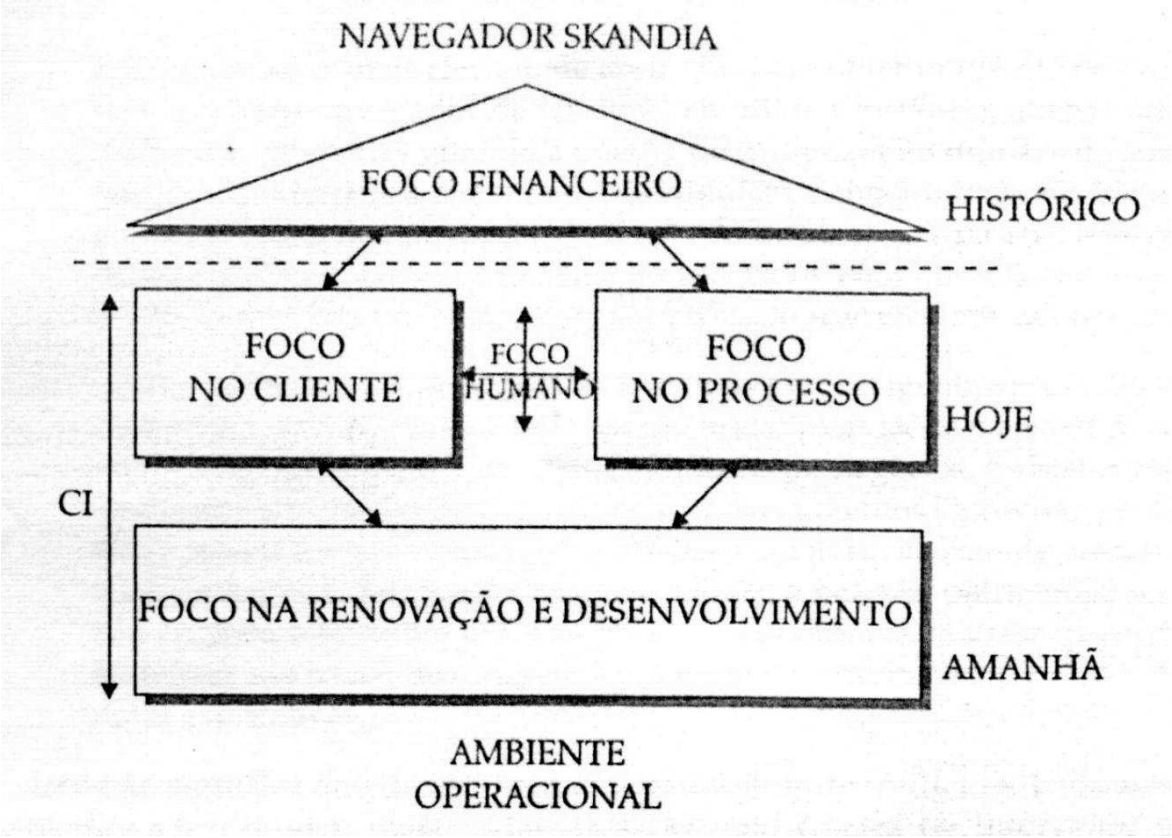
Eles se basearam que o valor real da empresa está também atrelado a criar valor e esses valores deveriam ser maximizados e incorporados à estratégia organizacional. Para melhor identificação, foram agrupados dessa forma:

- Foco Financeiro
- Foco Clientes
- Foco Processo
- Foco Renovação e Desenvolvimento
- Foco Humano.

A empresa buscou desenvolver esse modelo buscando a captação, avaliação e o gerenciamento adquiridos na busca de novos conceitos que trarão benefícios à médio e longo prazo. O modelo busca mostrar como criar valor financeiro através do capital humano atrelado com o capital do cliente, capacidade de inovação e os processos internos da organização, ou seja, o Navegador Skandia é usado como modelo de planejamento de negócios, fornecendo as seguintes perspectivas: perspectiva geral do passado da empresa (foco financeiro), seu presente (foco no cliente, foco no processo e foco no aspecto humano) e seu futuro (renovação ou foco de desenvolvimento). Vale ressaltar que para a avaliação do capital intelectual deverá ser analisado de forma conjunta o capital humano e o estrutural, pois de nada adiantaria uma empresa com alto potencial em capital humano e não possuir um capital estrutural adequado ou o contrário, uma empresa bem estruturada, sem capital humano de qualidade.

A figura 1 exemplifica o modelo do navegador de mensuração do capital intelectual da Skandia AFS:

Figura 1:



Fonte: Edvinsson e Malone (1998, p.60)

4.3.2. Modelo Navegador de Thomas Stewart

É sabido que no mercado global, inúmeras empresas são comercializadas por valores superiores aos seus valores contábeis. Stewart (1998) destaca que quando isso acontece, a organização possui ativos intangíveis: ativos intelectuais, previsões de receita de patentes, relacionamento com clientes, valor da marca, entre outros.

É um modelo muito menos complexo do que o anterior, pois Stewart idealizou algo bem enxuto para a mensuração do capital intelectual, a fim de obter informações importantes, pois ele considera que um grande número de indicadores pode tornar o instrumento uma ferramenta confusa para a gestão desse capital.

Esse modelo é em formato de radar que utiliza uma medida geral (razão valor de mercado/ valor contábil) e três indicadores para cada um dos itens, capital humano, estrutural e do cliente. Além disso, inclui escalas e não valores nos eixos. O navegador de capital intelectual proposto por Stewart (1998) possui um formato de radar, um

círculo com linhas que saem da extremidade e se encontram no centro. Stewart (1998) sugere que se marque em cada eixo uma escala relevante, podendo ocorrer variação nessas escalas, no entanto, para a maioria das medidas, coloca-se zero no centro do gráfico, ou seja, a medida cresce do centro para fora, mas, também se pode fazer o inverso. A figura 2, representa o navegador do capital intelectual criado por Thomas Stewart.

Figura 2:

Fonte: Stewart (1998, p.219)

4.3.3. Modelo Monitor de Karl Erik Sveiby

Da mesma forma que Stewart, Sveiby procurou sintetizar um modelo de mensuração dos ativos intangíveis, inclusive ele defende que o monitor de ativos intangíveis não ultrapasse uma página para que seja fácil sua visualização e uma consequente melhor interpretação. No modelo, o ativo da organização é dividido em tangíveis e intangíveis, ou seja, Sveiby engloba, aqueles que ele considera como sendo os componentes do capital intelectual, sendo eles: competência das pessoas, estruturas interna e externa.

Quadro 3:

Competência	Estrutura Interna	Estrutura Externa
Indicadores de crescimento e renovação	Indicadores de crescimento e renovação	Indicadores de crescimento e renovação
Indicadores de eficiência	Indicadores de eficiência	Indicadores de eficiência
Indicadores de estabilidade	Indicadores de estabilidade	Indicadores de estabilidade

Fonte: Sveiby (1998)

4.4. AVALIAÇÃO DOS MODELOS DE MENSURAÇÃO

Os modelos de mensuração descritos possuem uma identidade comum estruturada no capital humano, clientes e estruturas internas e externas, ou seja, no capital humano, estrutural e clientes.

Entre os modelos de mensuração, o modelo da Skandia que é o mais antigo, é também o mais conhecido, porém é considerado o mais complexo, pois abrange grande parte da estrutura organizacional. Os modelos de Stewart e Sveiby são mais simples. É importante ressaltar que não existe um único modelo para a mensuração do capital intelectual, inclusive além desses três, existem outros. Tendo em vista que cada segmento de mercado possui uma característica diferente, e até mesmo as empresas de segmentos semelhantes possuem características próprias, as empresas deverão estudar qual modelo está mais aproximado a sua realidade e mesmo assim, deverá estar apta a fazer suas adaptações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi evidenciado neste trabalho a importância do capital intelectual para as organizações, bem como sua mensuração e seus devidos registros nos balanços, já que hoje vive-se na era do conhecimento, onde todas as organizações precisam colocar o conhecimento como fator decisivo para a geração de riquezas, estimulando e valorizando os indivíduos que são os verdadeiros detentores desse ativo tão poderoso.

O capital intelectual, ativo intangível, e por conta disso, não palpável, desperta certo grau de incerteza, e por se tratar de um assunto recente em todo o mundo e principalmente no Brasil, essa incerteza e insegurança em mensurá-lo é ainda maior. Porém, é necessário reconhecer que, nos últimos anos, a preocupação tem aumentado e que os esforços estão acontecendo, não só por parte de estudiosos, mas principalmente por parte das organizações que entendem que a lacuna entre o valor contábil da empresa e seu valor de mercado precisa ser preenchida.

Esse é um dos grandes desafios da contabilidade tradicional e estudos sobre este assunto devem ser elaborados e intensificados, pois hoje, a contabilidade tradicional é considerada uma contabilidade ineficiente.

A proposta deste estudo é a de contribuir com os estudos sobre o capital intelectual e sobre alguns tópicos relacionados ao mesmo. Esse assunto é um tema de grande importância, principalmente para o meio organizacional, e, por isso, se recomenda o aprofundamento sobre a importância e mensuração do capital intelectual com pesquisas acerca dos modelos de mensuração do capital intelectual apresentados neste trabalho, bem como outros que não foram citados, na tentativa de, num futuro, efetivar-se um meio de valorar determinados ativos intangíveis que não se encontram nas demonstrações contábeis.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. T. P. Capital intelectual. São Paulo: Atlas, 2000.

BARROSO, A. C. O.; GOMES; E. B. P. Tentando Entender a Gestão do Conhecimento. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro. v. 33, n.º 2, p. 147-170, mar./abr. 1999.

BASSAN, C. C.; HAUSCHILDT, R. Mensuração do capital intelectual: um desafio importante para a contabilidade. **Revista Eletrônica de Contabilidade**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 91-106, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/contabilidade/article/view/72/3734 Acesso em: 18 jan. 2023.

BEAL, ADRIANA. O sistema de informação como estratégia empresarial. São Paulo: Atlas, 2001.

BEUREN, I. M.; IGARASHI D. C. C. A importância dos intangíveis nas empresas e a sua relação com a contabilidade. **Revista do Conselho Regional de Contabilidade**. [s.l.], 2002.

BLACKLER, Frank. Knowledge and the theory of organizations: organizations as activity systems and the refraiming of management. Journal of Management Studies, vol 30:6, november, 1993.

_____ et al. Knowledge workers and contemporary organizations. Journal of Management Studies, vol. 29, november, 1992.

CERVO, A. L. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

COSER, A. Modelo para análise da influência do capital intelectual sobre a performance dos projetos de software, 2012, 220f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CREPALDI, S. A. Curso básico de contabilidade: resumo da teoria, atendimento às novas demandas da gestão empresarial. São Paulo: Atlas, 1995.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual.** Rio de Janeiro: Campus. 1998.

DRUCKER, Peter F. **Sociedade pós capitalista**. 2a. ed. São Paulo, Pioneira, 1993.

EDVINSSON, Leif; MALONE, Michael S. **Capital Intelectual**. São Paulo: Makron Books, 1998.

EDVINSSON, L.; MALONE, M. S. Capital intelectual. São Paulo: Makron Books, 1997.

EDVINSSON, L.; SULLIVAN, P. Developing a Model for Managing Intellectual Capital. European Management Journal, n. 4, p. 356-364, 1996.

FERREIRA, L. S. et AL. Mensuração do capital intelectual docente: avaliação e reconhecimento por meritocracia em uma instituição de ensino superior. **Perspect. ciênc**. inf. 24 (04) • Oct-Dec 2019 • https://doi.org/10.1590/1981-5344/3866

HOPE, J.; HOPE, T. Competindo na terceira onda: os dez mandamentos da Era da Informação. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

INSTITUTO ETHOS de Empresas e Responsabilidade Social. Sebrae. **Indicadores Ethos-Sebrae de responsabilidade social empresarial para micro e pequenas empresas. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.** Sebrae. 2007. Disponível em: < http://www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/download/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

IUDICIBUS. S. de.Teoria da contabilidade. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

FORTUNE REVIEW. Intellectual Capital. Octuber 3, 1994.

GIL, A. C. (1997) Metodologia do Ensino Superior. 3ª. Ed. São Paulo, Atlas.

GIL, A. C. (2002) Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª. ed. São Paulo: Atlas S/A

GRACIOLI, C. Impacto do capital intelectual na performance organizacional, 2005, 135f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2005.

JORDÃO, R. V. D.; CASAS NOVAS, J. L. P. M. M.; SOUZA, A. A,; NEVES, J. T. R. Controle do capital intelectual: um modelo aplicado à gestão dos ativos do conhecimento. **Revista Ibero-Americana de Estratégia,** [s.l.], v. 12, n. 2, p. 195-227, 2013. Disponível em: http://www.spell.org.br/documentos/ver/16911/controle-do-capital-intelectual--um-modelo-aplicado-a-gestao-dos-ativos-do-conhecimento Acesso em: 17 jan. 2023.

LUDWIG, Waldez Luiz. Entrevista. In: PROGRAMA CONTA CORRENTE DO GLOBO NEWS. 13 dez.1997. Disponível em: <http:/ /www.visualbook.com.br/entrevi/waldez/waldez.htm> Acesso em: 12 fev. 2023.

https://revistapesquisa.fapesp.br/a-sociedade-do-conhecimento/

MARION, J.C. Contabilidade básica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARTINS, E.; et al. Avaliação de empresas: da mensuração contábil à econômica. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, G. A. Manual para elaboração de monografias e dissertações. 2. ed. São Paulo, ed. Atlas, 1994.

MARTINS. V. A. Contribuição a avaliação do goodwill: depósitos estáveis, um ativo intangível. São Paulo, 2002. 275 f. Dissertação (mestrado em Controladoria e Contabilidade) Departamento de contabilidade Atuaria, Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-08032004-170157/publico/VAMfinal.pdf> Acesso em: 03 jan. 2023.

MELO, V. L. T. **Avaliação e gestão do capital intelectual & geração de valor em fusões e aquisições: uma experiência de sucesso em uma instituição financeira**

de grande porte. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) - Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2015.

NAISBITT, John. **Paradoxo global**. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

NOGUEIRA, Z. F. **Gestão de Recursos Humanos: A Importância na interação entre Pessoas e Organizações.** 2006. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

NONAKA, Ikujiro. The knowledge-creating company. Harvard Business Review, nov/dec.1991.

RITTA, C. O.; ENSSLIN, S. R**. Investigação sobre a relação entre ativos intangíveis e variáveis financeiras: um estudo nas empresas brasileiras pertencentes ao índice IBovespa nos anos de 2007 e 2008**. CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 10., 2010, São Paulo. Anais [...]. [S.l.: s.n.], [2010?].

SANTOS, J. L. dos et al. Contabilidade geral. v. 1. São Paulo: Atlas, 2004. Coleção resumos de Contabilidade.

SOUZA, M. T.; SILVA, M.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein.** 2010; 8(1 Pt 1):102-6.

STEWART, T. A. **Capital intelectual, intelectual capital.** Tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Priscila Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SULLIVAN, P. H. Value-driven intellectual capital: How to convert intangible corporate assets into market value. Wiley 2000.

SVEIBY, E. K. A Nova Riqueza das Organizações. gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento. Tradução: Luiz Euclydes Trindade Frazão Filho. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1998.
SVEIBY, K. O Valor do intangível. HSM Management. São Paulo. Set/Out. 2000 p. 66-69.

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciando conhecimento: como a empresa pode usar a memória organizacional e a inteligência competitiva no desenvolvimento de negócios.** Rio de Janeiro: ed SENAC, 2000.

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento: o grande desafio**. São Paulo: Negócio, 2000.

TORRES, N. C. Auxiliar de Contabilidade: contabilidade geral. Francisco Alves: NCT, 1996.

WILKINSON, G.; DALE, B. Integrated management systems: an examination of the concept and theory. **The TQM Magazine**, v. 11, n. 2, p. 95-104, 1999.